

Publicação trimestral da Convenção Batista Brasileira dirigida a educadores religiosos, professores de EBD, estudantes e líderes em geral

Copyright @ Convicção Editora

Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.) a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

CNPJ (MF): 39.056.627/0001-38  
Registro Nº 020830 no INPI

#### Endereços

Telegráfico – BATISTAS

Caixa Postal: 13333

Rio de Janeiro, RJ – CEP: 20270-972

#### Editor

Sócrates Oliveira de Souza

#### Coordenadora Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida  
(RP/16897)

#### Redatora

Jane Esther Monteiro de Souza  
de Paula Rosa

#### Produção Editorial

Oliverartelucas

#### Produção e Distribuição

##### Convicção Editora

Tel.: (21) 2157-5567

Rua José Higino, 416 – Prédio 16

Sala 2 – 1º Andar – Tijuca

Rio de Janeiro, RJ

CEP 20510-412

falecom@convicaoeditora.com.br

#### Colaboradores desta edição

Anderson Resende Barbosa – PA

Elana Costa Ramiro – SP

Elizabeth Bastos de Lima – PE

Elisabeth Domingos Noro da Silva – PR

Ilana Corrêa do Nascimento Sabino – RN

Ione Amâncio de Araújo – PR

Jane Esther M. S. de Paula Rosa – RJ

Madalena de Oliveira Molochenco – SP

Marinaldo Alves de Lima – PE

Samya Vanessa Soares de Araújo – GO

Senhorinha Gervásio Lourenço

Bragança – MG

Weliton Carrijo Fortaleza – GO

Vanessa Oliveira Barros – PI



## Proclamemos a verdade ao mundo

Estamos iniciando mais um ano. Somente Deus, pois ele tem sido fiel, para conosco, nos dá vida e saúde para prosseguirmos. O tema deste ano da CBB é: “Proclamemos a verdade ao mundo (abordagem verdade). A divisa é: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15).

Quem ainda não se apresentou diante de Deus, disposto a servir, precisa entender que o Senhor nos chamou para fazer a sua obra e anunciar o seu evangelho para todas as pessoas que ainda não foram alcançadas pelo seu amor. Nesta carta a Timóteo, o apóstolo Paulo recomenda que o obreiro se apresente aprovado, sem motivo para se envergonhar, e que se dedique ao estudo da Palavra. Manejar bem a Palavra de Deus faz toda diferença. É poder plantar a semente da verdade no coração do próximo e ter a certeza que ela vai gerar o seu fruto.

Em João 14.6, Jesus disse que ele é o caminho, a verdade, e a vida. Por verdade absoluta entendemos a verdade única, suprema, sem variação. Nós, seres humanos, não possuímos a verdade porque estamos sujeitos à parcialidade e influências. Para o ser humano, o que é verdade hoje pode não ser amanhã. Quando Jesus disse: “Eu sou a verdade”, ressaltou algo extraordinário; uma afirmação que nenhuma outra pessoa pode fazer: a de ser a própria verdade, a verdade encarnada, a verdade absoluta. Sempre ouvimos alguém insistir que fala a verdade, ou que conhece a verdade, mas nunca um indivíduo disse que é a verdade em si.

Proclamemos a verdade ao mundo. Proclamemos Jesus Cristo.

Nesta edição, a profa. Elana Costa Ramiro, no artigo “Sete passos para criar uma cultura de inovação na igreja”, diz que, para implantar uma cultura de inovação, é fundamental reconhecer o papel da equipe no alcance da missão educacional da igreja.

A profa. Ione Amâncio de Araújo, no artigo “Laubach e o método inovador de alfabetização (2ª parte)”, traz a última parte da excelente matéria sobre o método de alfabetização de Frank Loubach, conhecido como o “Pai dos analfabetos” ou o “Gigante da alfabetização”.

No artigo “Saberes docentes e ensino bíblico”, a profa. Madalena de Oliveira Molochenco enfatiza que o professor de ensino bíblico é aquele que consegue corrigir rotas e metas para que o povo seja instruído da melhor forma possível.

Nos demais artigos, refletiremos sobre a Bíblia, a Palavra de Deus, além das Sugestões de Livros, do Educador em Destaque, Vale a Pena LER de Novo e de muitas novidades e informações que, por certo, serão bênçãos para todos nós, leitores.

# ÍNDICE

1	<b>Expediente e editorial</b> <b>Proclamemos a verdade ao mundo</b> <i>Jane Esther Monteiro de Souza de Paula Rosa – RJ</i>
2	<b>Índice</b>
3	<b>Resenha</b> <b>Esposa de pastor</b> <i>Marinaldo Alves de Lima – PE</i>
4	<b>Educação Geral</b> <b>Adaptação escolar nas séries iniciais</b> <i>Elizabeth Bastos de Lima – PE</i>
5	<b>Educação Geral</b> <b>Laubach e o método inovador de alfabetização (2ª parte)</b> <i>Ione Amâncio de Araújo – PR</i>
12	<b>Educação Teológica</b> <b>O papel da mulher nos planos de Deus</b> <i>Anderson Resende Barbosa – PA</i>
13	<b>Educação Teológica</b> <b>Paz: só é possível com o Príncipe da Paz</b> <i>Marinaldo Alves de Lima – PE</i>
16	<b>Educação Cristã</b> <b>De Lo-Debar à mesa do Rei</b> <i>Samya Vanessa Soares de Araújo – GO</i>
17	<b>Educação Cristã</b> <b>Sete passos para criar uma cultura de inovação na igreja</b> <i>Elana Costa Ramiro – SP</i>
19	<b>Educação Cristã</b> <b>Saberes docentes e ensino bíblico</b> <i>Madalena de Oliveira Molochenco – SP</i>
21	<b>Educação Cristã</b> <b>A pedagogia do processo</b> <i>Weliton Carrijo Fortaleza – GO</i>
22	<b>Educação Cristã</b> <b>Estratégias para um ensino eficaz</b> <i>Jane Esther Monteiro de Souza de Paula Rosa – RJ</i>
24	<b>Educador em Destaque</b> <i>Vanessa de Oliveira Barros – PI</i>
26	<b>Da Mesa da Redação</b>
27	<b>Para Pensar</b> <b>Perdão e cura</b> <i>Ilana Corrêa do Nascimento Sabino – RN</i>
29	<b>Vale a pena LER de novo</b> <b>Adolescência – a melhor fase da vida</b> <i>Elisabeth Domingos Noro da Silva – PR</i>
31	<b>Sugestão de Livros</b> 1. A igreja autêntica – Autor: John Stott 2. Ensinando para transformar vidas – Autor: Howard Hendricks 3. Irmãos, nós não somos profissionais – Autor: John Piper
32	<b>Última Palavra</b> <b>Ensino bíblico às crianças: nosso legado à nova geração</b> <i>Senhorinha Gervásio Lourenço Bragança – MG</i>

## Esposa de pastor Experiências que inspiram e edificam

Resenha



Educação Geral



Educação Teológica



Educação cristã



Vale a pena ler de novo

# Esposa de pastor

## Experiências que inspiram e edificam



**Autora:** Iracy de Araújo Leite

Esposa de pastor – Experiências que inspiram e edificam de Iracy de Araújo Leite, publicado pela Convicção Editora e lançado durante a Assembleia Anual da Convenção Batista Brasileira em Aracajú, SE, é um livro ímpar desde a sua concepção. Ímpar pela coragem da autora em dividir com diversas colegas de ministério a responsabilidade e o privilégio da elaboração da obra. Ímpar também pela natureza dos textos, expressos como testemunhos vivos de servas do Deus Todo-poderoso, que vivenciam cotidianamente a realidade do ministério pastoral dos esposos. É evidente que não é o primeiro livro que reúne textos de diversas escritoras; porém, o diferencial está no fato de que os textos não versam sobre doutrinas, teorias e conceitos. É a escrita fluida dos sentimentos, emoções e esperanças dessas mulheres de Deus, que abriram seus corações, contando experiências vividas que inspiram e edificam.

### RESUMO

A professora Iracy Leite compilou textos de 24 escritoras,

dividindo-os por áreas de interesse: Família, Igreja, Ministério e Providência Divina. Na primeira área as esposas de pastores escreveram sobre experiências ligadas ao cotidiano da família ou sobre fatos marcantes por meio dos quais Deus mostrou que intervém poderosamente na vida das suas filhas. Na segunda parte, os testemunhos são de experiências que esposas de pastores tiveram nas igrejas onde seus maridos exerceram o ministério. Os testemunhos e conselhos referentes a experiências no Ministério mostram como esposas de pastores viram o agir de Deus em diferentes situações, seja em um campo de missões mundiais, seja no desafio da consagração do esposo ou em ministérios de longos anos, amadurecidos em igrejas locais ou em órgãos denominacionais. E em todos estes relatos nós as vemos como mulheres virtuosas, nas quais os maridos podem nelas confiar. No quarto capítulo, dedicado a experiências relacionadas à Providência Divina, lemos testemunhos tocantes da fé destas mulheres, que viram verdadeiros milagres de Deus. Nas Palavras Finais, dirigidas às suas “queridas amigas de ministério”, Iracy de Araújo Leite as encoraja a “*cultivar a fé, a confiança e a segurança neste Deus poderoso e fiel que tem um compromisso eterno com aqueles a quem ele vocaciona*”.

### CONCLUSÃO

Embora não sendo um livro doutrinário, Esposa de Pastor – Experiências que inspiram e edificam, mostra as doutrinas bíblicas praticadas nas diversas atitudes tomadas pelas esposas de pastores. Embora não sendo um livro teológico, mostra que o Deus apresentado na Teologia, é o mesmo de ontem, hoje e eternamente, presente nas vidas de suas servas, nos pequenos e grandes detalhes. Todos os testemunhos formam um mosaico de textos doutrinariamente bem fundamentados e graciosamente inspirados. É como se a autora tivesse reunido as esposas de pastores em um lindo coral, entoando o coro do hino 344 do Cantor Cristão: “*Deus cuidará de ti, Em cada dia proferirá; Sim, cuidará de ti, Deus cuidará de ti*”. Recomendo a leitura deste livro magistral, não apenas por que o li, gostei, inspirou-me e edificou-me. Mas, sobretudo, por que meus olhos ficaram marejados de emoção ao ler o capítulo escrito pela minha esposa, mulher com nome maravilhoso: Alcione Lima.

#### Marinaldo Alves de Lima

Pastor da Igreja Batista em Sítio Novo – Olinda, PE. Formado em Administração pela UFPE, em Teologia pelo STBNB e História pela UFRPE. Pós-graduação em Ensino de História das Artes e Religiões. É professor de História, Geografia, Artes e Ética e Cidadania da Escola Estadual N.º. S.ª do Carmo em Beberibe, PE.



## Adaptação escolar nas séries iniciais

Quando uma criança entra na escola é uma fase delicada. Ambiente novo, novas pessoas. A casa onde a criança vive é uma velha conhecida, as pessoas, os cheiros, sons, a rotina, animais (caso a família os tenha). Ao dar entrada na escola, a criança estará em contato pela primeira vez com um mundo totalmente desconhecido. Como vencer esse primeiro impacto? Respeitando um espaço de tempo que é chamado de adaptação.

Em geral, nos primeiros dias, nas séries iniciais, a criança fica na escola acompanhada por um dos pais; assim, sente-se mais segura, pois encontra-se na companhia de alguém que faz parte do seu mundo. Diante das possibilidades de recreação, as músicas, as histórias, a companhia de outras crianças da sua faixa etária, esse conjunto de possibilidades vão ajudando na sua adaptação; aos poucos percebe e entende que deverá ficar ali sozinha, sem seus pais (mamãe ou papai). É exatamente nesse momento de maturação, quando a criança torna-se aluna; começa a fazer parte de uma nova comunidade. Para que a adaptação ocorra de forma tranquila, os pais devem lhe transmitir a confiança de que necessita.

O período de adaptação, no ambiente escolar, varia de acordo com a criança. A relação de segurança que os pais depositam na capacidade da criança se libertar, de amar a escola, crescer no novo ambiente fará

a diferença. Algumas crianças chegam soltas, até pedem para os pais ou responsáveis irem embora, mas quando percebem que o “novo”/“novidade” daquele ambiente acaba sentem-se inseguras, choram, não largam o colo dos pais. É nesse momento que percebemos que a partir desse fato é que a adaptação está começando. Alguns pais não entendem como a criança estava tão bem e agora começa a agir diferente. Nesse momento de choro nos primeiros dias a intervenção dos professores será muito importante. Deverão avaliar cada criança e agir de acordo com a necessidade de cada uma – atendimento individualizado, pois algumas precisarão de mais tempo para ficarem sozinhas no ambiente escolar.

### **Algumas ações realizadas pelos pais podem ajudar bastante:**

1. Obedecer à risca o horário de entrada e saída, desde o primeiro dia de aula. Mesmo depois da criança já adaptada, deve manter os horários;

2. Seguindo as recomendações da escola, mesmo quando chegar a hora de ir embora, deixando a criança aos prantos. Se isso acontecer, é porque as professoras sabem que a cena logo acaba, quando pais ou responsáveis não estiverem mais por perto;

3. Fale a verdade para a criança. Se estiver indo embora fale, diga a verdade;

4. Caso seja orientado a esperar mais um pouco, em algum local da escola, informe a criança que estará por perto se ela precisar;

5. Caso precise ficar dentro da sala de aula com a criança, procure comportar-se de forma discreta;

6. Não mostrar-se muito aflito, angustiado quando a criança chorar, negar-se entrar na sala de aula, ou não querer aproximar-se de ninguém. Deixe-a ficar a seu lado até que se acalme;

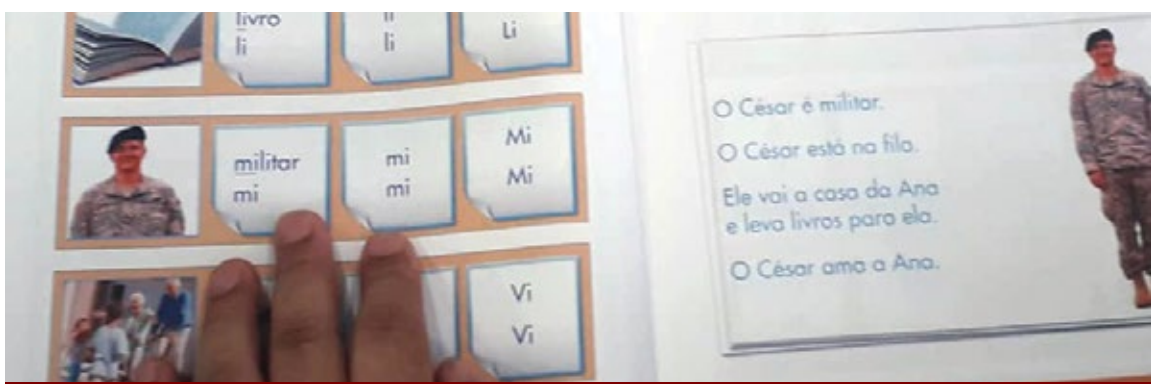
7. Quando novamente a criança aproximar-se de você, fale palavra de carinho, estímulo, faça um carinho, não a afaste de você o tempo todo;

8. Não force a criança a cumprimentar os professores que com ela irão conviver, especialmente nos primeiros dias. Espere, pois eles se chegarão até vocês.

A adaptação da criança no ambiente escolar é um esforço conjunto de todos: pais (família) e escola. A decisão de colocar uma criança na escola é sempre muito especial, então, torne essa decisão agradável, caminhando com seu filho.

### **Elizabeth Bastos de Lima**

Educadora Cristã, na Igreja Batista na Av. Liberdade – Recife, PE. Bacharel em Educação Religiosa com habilitação em música sacra (STBNB). Licenciatura em Ensino Religioso (STBNB). Pós-graduação em Coordenação Pedagógica e Supervisão escolar (UFPE). Mestranda em Educação Religiosa.



# Laubach e o método inovador de alfabetização (2ª parte)

## O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Laubach preparou a primeira lição em espanhol usando o alfabeto romano e uma cartela com figuras representando relações familiares, pessoas e um animal do cotidiano dos alunos. Nessa lição, percebe-se a predominância proposital da letra a, já que, de acordo com o autor: “Geralmente ensinamos primeiro a vogal (pronunciada em espanhol ‘ah’), porque em muitas línguas essa é a vogal mais usada” (LAUBACH & LAUBACH, 2012, p. 20 (tradução nossa)).



Frank Charles Laubach

Para melhor compreensão da predominância da letra a em diversas línguas, e da característica do método de Laubach, de associação da primeira letra do nome de um objeto à sua forma representativa, faz-se necessário conhecer o surgimento da primeira letra do alfabeto. Segundo Silva (2020), a primeira letra do alfabeto originou-se a partir da escrita egípcia. O quadro abaixo representa a origem da primeira letra do alfabeto.

Quadro 1: Origem e evolução da letra “a”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ED-d05zz36s>. Acesso em: 19 jan. 2021.

Silva (2020, s/p) explica que, quando os egípcios queriam usar um determinativo de um boi, o desenhavam, porém, a escrita hieroglífica, segundo Laubach (2012, p. 11), representava primeiro objetos e depois sílabas, era, portanto, considerada uma escrita difícil de ser decifrada. Os habitantes da Península do Sinai, no ano 1850 a.C., em busca de uma escrita mais fácil de ser compreendida, criaram uma representação simplificada do desenho do boi, partindo do som que o animal produz, ou seja, de onomatopeia<sup>1</sup>,

<sup>1</sup> “Onomatopeia ou mimologia (termo da língua grega antiga que significava ‘criar um nome’, ‘fazer um nome’), é uma figura de linguagem na qual se reproduz um som por meio de fonemas. A forma adjetiva é *onomatopeico* ou *onomatopaico*. Ruídos, gritos, sons de animais (inclusive, alguns sons humanos), sons da natureza, barulho de máquinas, o timbre da voz humana fazem parte do universo das onomatopeias”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Onomatopeia>. Acesso em: 26 jan. 2021.

resultando na figura de um boi, com chifres salientes e forma arredondada, para representar o som gutural<sup>2</sup>, que era bem próximo ao fonema da letra a do alfabeto romano (SILVA, 2020, s/p).

Ainda de acordo com o pesquisador Silva, o desenho simplificado do boi passou a representar uma letra alfabética (consoante), do sistema cuneiforme da Mesopotâmia que, de acordo com Seabra e Capovilla (2011, p. 139), “continha quase 600 sinais, o que inviabilizava a sua aprendizagem pela maioria das pessoas”. O estudioso afirma que havia outra língua com essas características em Canaã, nesse período, o proto-sinaítico, que consiste no uso de desenhos simplificados para representar as notações alfabéticas, como a escrita rudimentar dos mineiros – trabalhadores das minas de cobre da Península do Sinai – encontrada em pedras e nas paredes das minas. Antunes (2012, p. 1) confirma que:

Foi em 1916 que o senhor Alan Gardine nos mostrou o alfabeto proto-sinaítico, onde se colocava escrito a linguagem semítica que mais tarde veio a originar o hebraico. Este alfabeto apresenta o desenho simplificado de um objeto para indicar o som inicial desse objeto.

De acordo com Silva (2020, s/p), Moisés usou a língua proto-sinaítica para escrever o livro de Gênesis, por se tratar de uma língua alfabética, provinciana e simples, portanto, mais fácil de ser compreendida pelos mi-

<sup>2</sup> Gutural refere-se a um “adjetivo relativo à garganta. Diz-se da voz ou do som que se emite pela garganta, que tem entonação rouca: voz gutural. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/gutural/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

neiros e por todas as pessoas do seu convívio.

Em 1200 a.C., os fenícios representaram o desenho do boi, mudando a sua posição para o sentido horizontal, mas preservando os traços característicos do animal; em seguida, os gregos, em 600 a.C., desenharam o boi de ponta cabeça e criaram a letra alfa; e os romanos, em 114 a.C., fizeram adaptações na letra alfa, criando a letra “a”, na forma cursiva (SILVA, 2020). A primeira letra recebeu o nome de *alef*, que também é o nome da primeira letra do alfabeto hebraico, cujo nome deu origem à palavra *elef*, que significa: boi, mil, família, ensinar e aprender (SILVA, 2020, s/p).

De acordo com o autor, a partir dos fenícios a escrita alfabética expandiu-se por todos os continentes que utilizam esse sistema de escrita. Halley (2001, p. 62) confirma que “a invenção da escrita alfabética é geralmente atribuída aos fenícios [...]” e que os alfabetos que surgiram posteriormente derivam do alfabeto fenício ou foram “sob a influência de seus derivados”. Nessa mesma direção, Morais (2012, p. 49) ressalta que “na história da humanidade, o alfabeto e a numeração decimal têm sido os sistemas notacionais mais conhecidos e utilizados, em todos os continentes, por povos com culturas bastante diferentes”.

Ferreiro e Teberosky (1999, p. 293) apresentam uma definição das “etapas-chave da evolução da história” da escrita, ao declarar que:

A linha do desenvolvimento histórico vai do pictograma estilizado à escrita de palavras (logografia), à introdução posterior de um princípio de “fonetização”, que evoluiu paulatinamente até as escri-

tas silábicas e depois de uma complexa etapa de transição, culmina no sistema puramente alfabético dos gregos.

Conclui-se que o surgimento da primeira letra do alfabeto partiu da escrita hieroglífica (determinativo de boi) que, posteriormente, foi associada ao som produzido pelo animal representado (onomatopeia) e, com o passar dos séculos, foi ganhando novas formas, de acordo com o tempo e o lugar, dando origem ao primeiro grafema dos alfabetos hebraico, grego e romano, nomeado, respectivamente, *alef*, *alfa* e *a*.

Para Seabra e Capovilla (2011, p. 136), “os sinais passaram a representar sons, em vez de objetos em si”. Nessa mesma direção, Laubach e Laubach (2012, p. 11), ao comparar a característica de seu método de alfabetização – associação da primeira letra do nome de um objeto à sua forma – com os hieróglifos, ressalta que as figuras representavam primeiramente objetos e depois passaram a representar as sílabas. No que se refere aos hieróglifos, Seabra e Capovilla (2011, p. 140) explicitam que:

alguns hieróglifos, que eram figuras de objetos, podiam tanto representar o objeto em si (sendo usados como pictogramas), como representar um som (sendo usados como fonogramas), dependendo do contexto. Os hieróglifos egípcios, portanto, podiam ser classificados como pictogramas/ideogramas, sinais uniconsonantais, biconsonantais, triconsonantais ou complementos fonéticos (sinal que enfatizava ou confirmava a pronúncia da palavra).

A partir disso, compreende-se, portanto, que há um paralelismo entre os princípios da

história evolutiva da escrita e o método de Laubach, quanto ao uso de sistemas visuais e fonológicos, em que a característica de associação da primeira letra do nome de um objeto à sua forma representativa enfatiza ora o uso de figuras por seu valor fonético e, ora, o uso de figuras por seu valor semântico, de acordo com o contexto para, posteriormente, ensinar o significante, ou seja, a palavra escrita. Ferreiro e Teberosky (2012, p. 293) fazem um paralelismo entre os princípios da história da escrita e as hipóteses alfabéticas, da teoria da psicogênese da língua escrita, que será apresentado no final deste texto.

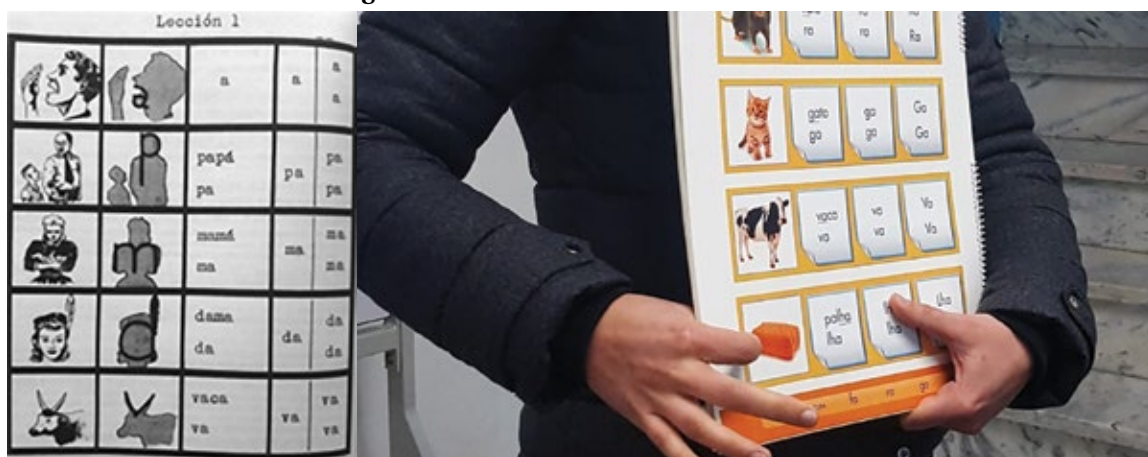
No que diz respeito ao uso de figuras por seu valor fonético, Seabra e Capovilla (2011, p. 137) declaram que essa estratégia é conhecida como rebus, ao afirmarem que:

O princípio engenhoso do rebus consiste em fazer uso de figuras não por seu valor semântico, mas sim por seu valor fonético; ou seja, em usar figuras para evocar não os significados visualmente aparentes, mas sim aqueles formados pelo encadeamento dos sons das palavras a elas correspondentes. Assim, ao tornar os sons visíveis, o rebus passou a permitir representar conceitos abstratos com muito maior clareza.

Nesse sentido, ao usar a estratégia de tornar os sons visíveis para representar palavras que apresentam conceitos abstratos, o alfabetizador deverá assegurar que a figura irá “evocar na mente do leitor exatamente o significado (ou palavra) que ele próprio tinha em mente ao escrever” (SEABRA; CAPOVILLA, 2011, p. 136). Na primeira tabela da lição em espanhol, pode-se observar o uso de estratégia visual fonética para representar as palavras *papai* e *mamãe*.

Abaixo, a primeira tabela em espanhol, que traz as instruções que deverão ser seguidas para facilitar o acompanhamento da sequência metodológica, conforme Laubach (2012).

**Figura 1:** 1ª Tabela do método de Laubach



Fonte: LAUBACH, Franck Charles and LAUBACH, Robert, S.Toward World Literacy, 2012, p. 22

O processo metodológico acontece assim. Para iniciar o estudo da lição, o alfabetizador deverá colocar o lápis sobre a primeira foto e explicar que o homem está dizendo “ah”. Em seguida, deverá apontar para figura sombreada ao lado da foto e dizer que o homem está dizendo “ah” novamente. O alfabetizador deverá pedir ao alfabetizando para olhar a boca aberta e o queixo grande do homem na foto e dizer “ah”, daí, esperar o aluno repetir a letra e

mostrá-la, novamente, ao aluno, chamando a atenção do alfabetizando para que observe a abertura da boca quando a letra é pronunciada. Na sequência, deve pedir ao aluno para dizer a letra novamente, apontando para a letra “a” que está na terceira coluna, dizer que lá está a mesma letra, mais uma vez, e pedir ao aluno para repetir a letra. Em seguida, o alfabetizador deverá apontar para cada uma das letras da quarta coluna e perguntar ao aluno: “O que é

isto?” (tradução nossa). E repetir a pergunta.

Logo depois, o alfabetizador deverá indicar a foto seguinte e dizer que é a foto de um pai e seu filho pequeno, mostrar a imagem da direita, dizer que lá está o papai novamente, pedir ao aluno para olhar a cabeça e o corpo dele e, em seguida, dizer a palavra “papai”. O alfabetizador deverá apontar para a palavra, dizer que lá está a pa-

<sup>3</sup> *What is this?*

lavra “papai” e pedir para o aluno repetir a palavra novamente. Depois, o alfabetizador deverá cobrir a segunda parte da figura do pai com um dedo, dizer que a palavra “papai” começa com “pa”, explicar que é uma sílaba e pedir para o aluno repetir a sílaba. Na sequência, o alfabetizador deverá apontar para cada uma das sílabas “pa” que estão na terceira e na quarta colunas e perguntar ao aluno: “O que é isto?”, cada vez que apontar para as sílabas nas duas colunas.

Dando continuidade, o alfabetizador deverá apontar para a foto abaixo, dizer que é a mamãe e o seu bebê, mostrar a imagem sombreada, dizer que lá está a mamãe novamente. Ressaltar que a palavra “mamãe” começa com “ma”. Depois, deverá apontar novamente para a palavra “mamãe”, falar a palavra, cobrir a segunda parte da figura, apontar para cada sílaba “ma”. Logo depois, deverá revisar a sílaba “pa” e a letra “a”, retornar a sílaba “ma” na quarta coluna e pedir para o aluno responder qual é a sílaba indicada.

Na sequência, o alfabetizador deverá apontar para a foto seguinte, dizer que é uma dama, pedir para o aluno olhar a pena no chapéu dela, apontar para a imagem sombreada e seguir os mesmos procedimentos anteriores. Depois, deverá revisar as sílabas que estão na coluna da direita da tabela.

Para finalizar, o alfabetizador deverá apontar para a figura seguinte, dizer que é uma vaca e que ela tem longos chifres, então, deverá prosseguir para o sombreado, apontar para a palavra, para as sílabas e revisar a quarta coluna (LAUBACH, 2012, p. 21).

De acordo com as instruções de Laubach (2012), após ensinar a primeira tabela é bom dar ao aluno cartões com as sí-

labas escritas nelas, e professor e aluno poderão jogar usando esses cartões, de modo que o professor segura cada cartão e o aluno tenta nomeá-lo. Todas as vezes que o aluno acertar, ele coloca o cartão em uma pilha. O jogo terminará quando o aluno conseguir capturar todas as cartas. As palavras do gráfico também poderão ser usadas nesse jogo de cartas. Quando o aluno conhecer bem as sílabas e as palavras, o professor poderá iniciar a aula de leitura que, geralmente, é ministrada nas primeiras aulas.

Pode-se perceber no método de Laubach a utilização de estratégia de ensino direcionada ao desenvolvimento da consciência fonológica, ao dar ênfase à letra “a”, ao iniciar a aula ensinando aos alunos como essa letra é pronunciada, ao mostrar a figura do ato articulatório, ou seja, a abertura da boca para a produção do fonema. A repetição da letra “a”, presente em todas as palavras da tabela, é para facilitar a compreensão da relação grafema-fonema. Na primeira e na segunda coluna, o alfabetizador parte da vivência do aluno para ensinar as palavras ao utilizar uma figura representativa para cada objeto, ora com valor fonético, ora com valor semântico, de acordo com o contexto e, na segunda coluna, associa a primeira letra do nome do objeto de cada nome à sua forma representativa, estimulando o conhecimento das letras. Na terceira, são ensinadas palavras contextualizadas, referentes a cada figura apresentada e, na quarta, ensina-se as sílabas iniciais dessas palavras contidas na tabela. Nesse sentido, entende-se que Laubach usou uma metodologia de ensino voltada para o desenvolvimento da consciência fonológica e para o conhecimento

das notações alfabéticas (letras) que, de acordo com Soares (2018, p. 254):

[são] “alicerces” das habilidades de leitura e escrita em uma ortografia alfabética: o desenvolvimento da criança em seu processo de progressiva compreensão da escrita como um sistema de representação dos sons da fala, processo que se apoia em consciência fonológica; paralelamente, a aprendizagem pela criança do sistema de notação alfabética em que os sons da fala, reduzidos à sua menor unidade, os fonemas, são representados por grafemas, processo que se apoia em consciência grafofonêmica e fonografêmica.

Pode-se dizer que o alfabetizando vai desenvolvendo habilidades de leitura e de escrita, cujo processo apoia-se em consciência fonológica, por meio de duas modalidades paralelas da consciência fonêmica; a consciência grafofonêmica e fonografêmica, paralelamente aos conhecimentos das letras. Ferreiro e Teberosky (1999, p. 73) realizaram uma pesquisa, cuja análise corrobora a relevância da correspondência da figura de valor semântico significado e significante – contida na característica do método de Laubach – a qual trata-se da “indiferenciação inicial entre desenho e escrita” que consiste em mostrar as crianças desenho e escrita simultaneamente, uma das perguntas que autora faz às crianças para solicitar-lhes uma interpretação é “o que diz aqui”, responderam como se a pergunta fosse “o que é isso” e, de acordo com a autora, “essa resposta a atribuem indiferentemente ao texto – com extensão de uma palavra – ou ao desenho”. A pergunta “o que diz aqui” pressupõe “que ali diz



algo”, a autora explicita que “Para saber o que diz, deve-se buscar o significado da escrita no desenho. Não podendo ser inferido diretamente, o sentido se extrai da imagem e logo é aplicada ao texto”. Nesse sentido, conclui-se que a criança usa a rota lexical para ler texto e imagem quando são apresentados simultaneamente.

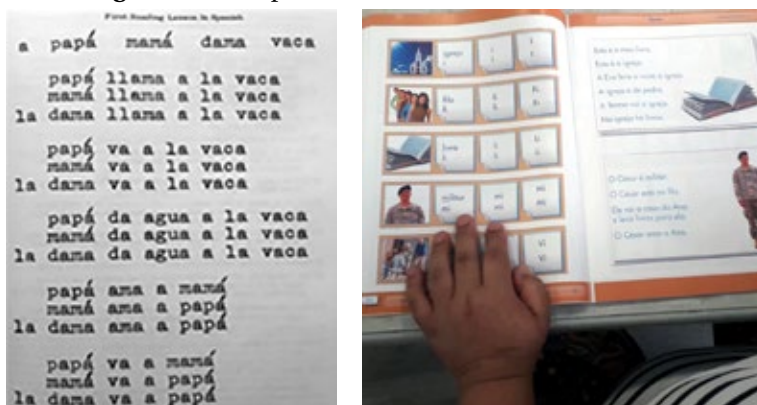
Em outro estudo realizado por Ferreiro e Teberosky (1999, p. 75) sobre a conexão entre texto e desenho, observou-se que a conduta típica da criança “consiste em apagar explicitamente o artigo que acompanha o nome que identifica a imagem”, a autora acrescenta que a “supressão explícita do artigo quando se passa ao texto, que pareceria representar a ‘etiqueta’, o nome do objeto desenhado”. Após usar estímulos diferenciados e leitura de orações para análise, a autora concluiu que:

Disto podemos inferir que o que denominamos “a escrita representa o nome do desenho” não depende da natureza do estímulo apresentado, visto que a resposta permanece imutável apesar dos diversos estímulos. Nossa hipótese é de que a “etiquetagem” constituiu um momento evolutivo importante no desenvolvimento da conceitualização da escrita.

Nessa perspectiva, infere-se que, a associação entre a primeira letra do nome de um objeto à sua forma representativa ensinada com o seu significante – como está explícita no método de Laubach – constitui uma etapa evolutiva relevante para o desenvolvimento da aprendizagem da língua escrita, quando essa conexão é compreendida pela criança.

O texto da primeira aula de leitura em espanhol foi escrito em letra de imprensa minúscula e era composto por todas as palavras do gráfico estudado.

**Figura 2:** Texto para leitura do método de Laubach



Fonte: LAUBACH, Franck Charles and LAUBACH, Robert, S. Toward World Literacy, 2012, p. 23

Para ensinar a leitura, Laubach (2012) elaborou os procedimentos que o alfabetizador deveria seguir durante o processo de ensino e de aprendizagem. Assim, as instruções para ensinar a primeira lição, em espanhol referem-se ao passo a passo do alfabetizador durante a ministração das aulas de alfabetização.

No primeiro passo, o alfabetizador deverá apontar para a figura da vaca no gráfico, fazer a pergunta “O que é isto?” e mostrar no texto a palavra vaca e o artigo correspondente, em seguida, deve-

rá dizer que lá está a vaca, novamente, e pedir para o aluno falar a palavra vaca.

Na sequência, o alfabetizador deverá apontar para cada palavra do texto enquanto faz a leitura, dizer para o aluno o que está escrito na frase “papai chama a vaca<sup>4</sup>” (LAUBACH, 2012, p. 24) (tradução nossa) e pedir para o aluno ler a frase, apontando embaixo de cada palavra enquanto o aluno faz a leitura.

Em seguida, o alfabetizador deverá apontar para a figura da mãe no gráfico, perguntar ao aluno: “O que é isto?”, apontar para a palavra “mamãe” no texto e dizer a frase “mamãe chama a vaca<sup>5</sup>” (LAUBACH, 2012, p. 24) (tradução nossa). Na sequência, o alfabetizador deverá pedir para o aluno ler a frase e aguardar a realização da leitura, depois, deverá pedir para repetir a leitura de maneira rápida.

Continuando, o alfabetizador deverá apontar para a figura da dama, dizer que é uma dama, apontar para a palavra “dama” no texto e dizer que lá está a dama, novamente. Depois, deverá perguntar ao aluno o que a dama está fazendo e ajudá-lo a ler a frase, caso seja necessário.

No próximo passo, o alfabetizador deverá apontar para a palavra “papai” no segundo grupo de frases e perguntar “Quem é<sup>6</sup>?” (LAUBACH, 2012, p. 24) (tradução nossa). Depois, deverá ler a frase para o aluno: “papai vai até a vaca<sup>7</sup>” (LAUBACH, 2012, p. 24) (tradução nossa) e pedir a ele para ler sozinho. Em seguida, o alfabetizador deverá proceder da mesma maneira com as palavras “mamãe” e “dama”.

<sup>4</sup> *Papá calls the cow.*

<sup>5</sup> *Mamá calls the cow.*

<sup>6</sup> *Who is this?*

<sup>7</sup> *Papa goes to the cow.*

No passo seguinte, o alfabetizador deverá apontar para a palavra “vaca”, no terceiro grupo, e perguntar ao aluno? “O que é isto”? Então, deverá ler a frase para o aluno: “papai dá água para a vaca<sup>8</sup>” (LAUBACH, 2012, p. 24) (tradução nossa) e agir da mesma maneira com as palavras “mamãe” e “dama”. Ao pedir a leitura da frase “a dama dá água para a vaca<sup>9</sup>” (LAUBACH, 2012, p. 24) (tradução nossa), o alfabetizador deverá apontar o lápis embaixo das palavras enquanto o aluno faz a leitura e pedir para que leia a frase rapidamente na segunda vez.

Na sequência, para ensinar as frases do quarto grupo, o alfabetizador deverá ler a frase “papai gosta da mamãe<sup>10</sup>” (LAUBACH, 2012, p. 24) (tradução nossa), apontando para cada palavra enquanto faz a leitura, em seguida, deverá perguntar ao aluno o que a frase lida quer dizer e apontar para cada palavra da frase, enquanto o aluno faz a leitura. O alfabetizador deverá agir da mesma maneira para ensinar as outras frases do mesmo grupo.

Para ensinar a leitura das frases do quinto grupo, o alfabetizador deverá apontar para cada palavra da frase “papai vai até a mamãe<sup>11</sup>” (LAUBACH, 2012, p. 24) (tradução nossa) e perguntar ao aluno o que aquilo quer dizer, em seguida, deverá apontar para cada palavra, enquanto o aluno faz a leitura da frase. O alfabetizador deverá proceder da mesma maneira para ensinar a leitura das outras frases do mesmo grupo.

Para finalizar a leitura da primeira lição, o alfabetizador de-

verá revisar o texto incluindo as palavras que estão na parte superior da página (LAUBACH, 2012, p. 24). As palavras usadas na primeira lição de leitura têm a predominância da letra **a**, que por ser uma letra predominante em várias línguas alfabéticas (LAUBACH, 2012, p. 20) e, devido à regularidade da relação grafema-fonema e vice-versa, pois o nome da vogal **a** é o fonema que representa na forma oral, de acordo com Soares (2018, p. 222) “as crianças pouco erram na grafia de vogais orais, porque devem identificar o nome da letra com o fonema oral que ela representa”.

Ainda nesse mesmo raciocínio, Morais (2019, p. 46) explica que “os fonemas vocálicos constituem sílabas isoladas”, como nas palavras “abelha” e “ilha”, sendo, contudo, “mais fáceis de isolar e pronunciar” oralmente. Portanto, infere-se que o aluno terá mais facilidade de desenvolver a consciência grafofonêmica com o uso da estratégia de ensino em que há predominância de fonemas vocálicos. Na metodologia de ensino desenvolvida por Laubach, as palavras-chave da cartela da lição 1 receberam o acréscimo de um artigo definido, “la”<sup>12</sup>, no início das frases, e a inclusão de verbos cujas conjugações terminam em “a”, “llama”<sup>13</sup>, “va”<sup>14</sup>,

<sup>12</sup> [lá] I. art def. f a. (FOUCES et al., 2012), p. 145.

<sup>13</sup> Verbo irregular: chamar (tradução nossa) – modo: indicativo – tempo: presente – terceira pessoa do singular, chama. O verbo “llamar”, de acordo com o contexto da frase da cartilha de Laubach, está no sentido de chamar, mas o significado desse verbo pode variar, de acordo com outros contextos. Disponível em: <https://conjugacao.reverso.net/conjugacao-espanhol-verbo-llamar.html>. Acesso em: 25 jan. 2021.

<sup>14</sup> Verbo irregular: ir – modo: indicativo – tempo: presente – terceira pessoa do singular, va (FOUCES et al., 2012), p. 283.

“da”<sup>15</sup> e “ama”<sup>16</sup> e o acréscimo do substantivo “agua”<sup>17</sup>.

Na metodologia desenvolvida por Laubach, há predominância da consciência fonológica com implicações no processo de aprendizagem da língua escrita, visto que o alfabetizando “parte da oralidade – da palavra fonológica e de sua segmentação em sílabas – para chegar ao conceito de escrita como forma de representação dos sons da fala” (SOARES, 2018, p. 205).

Mais uma vez, vale lembrar que, devido ao sucesso extraordinário da campanha *Each One Teach One* nas Filipinas, conforme consta na ProLiteracy, Laubach desenvolveu o seu método de alfabetização em 105 países, elaborando aulas de leitura em 315 idiomas, durante o período de 1935 a 1967<sup>18</sup>. Em 1943, a convite do governo brasileiro, como vimos em Vieira (2004, p. 1), Laubach introduziu sua metodologia de ensino em Pernambuco, onde alfabetizou mais de 30.000 moradores da favela “Brasília Teimosa”<sup>19</sup>, estendendo-se para outras favelas de Recife.

De acordo com Paula Rosa (2019, p. 27), durante o período que esteve no Brasil, o mis-

<sup>15</sup> Verbo irregular: dar – modo: indicativo – tempo: presente – terceira pessoa do singular, da (FOUCES et al., 2012), p. 278.

<sup>16</sup> Verbo regular: (conjugação em -ar): Amar – modo: indicativo – tempo: presente – terceira pessoa do singular, ama (conjugación em -ar) (FOUCES et al., 2012), p. 270.

<sup>17</sup> [áywa] n/f (el/um agua) 1. gen água. (FOUCES et al., 2012), p. 336.

<sup>18</sup> PROLITERACY. Disponível em: <http://www.wescolasepartido.org/artigos/metodo-paulo-freire-ou-metodo-laubach/>. Acesso em: 06 abr. 2020.

<sup>19</sup> VIEIRA, David Gueiros. **Método Paulo Freire, ou Método Laubach?** Disponível em: <http://www.wescolasepartido.org/artigos/metodo-paulo-freire-ou-metodo-laubach/>. Acesso em: 19 jan. 2020.

sionário utilizou uma Cartilha para auxiliar os alunos durante o processo de aprendizagem. O material estava escrito em língua espanhola porque ainda não havia uma versão em língua portuguesa. Além do conteúdo educativo, a Cartilha continha o teor cristão, dando ênfase à paz, à cidadania e à ética social<sup>20</sup>.

Ainda, conforme consta no ProLiteracy, Laubach dedicou-se, também, à literatura. Em 1955, fundou a *Laubach Literacy Internacional*; após 8 anos, seu filho, Dr. Robert Laubach, iniciou a *New Readers Press*, que se tornou parte da *Laubach Literacy* em 1967. A *New Readers Press* possui mais de 400 títulos disponíveis para professores e alunos adultos. Em 2002, a Fundação Laubach e a *Literacy Volunteers of América*, duas das maiores e mais antigas organizações de alfabetização de adultos do mundo, fundiram-se e criaram o *ProLiteracy*, oferecendo mais oportunidades educacionais para adultos, expandindo, em 2012, ainda mais os seus serviços.

O resultado extraordinário alcançado pela campanha *Each One Teach One* foi um fenômeno, formando adultos leitores que tiveram suas vidas transformadas em diversos aspectos. Muitos deles se dispuseram a ser instrumentos de Deus na transformação de suas comunidades, cidades e países.

Laubach era zeloso ao ensinar seus alunos e orava a Deus para que pudesse exercer seu ministério com excelência, como pode-se perceber nessa oração: “Deus, eu continuo dizendo silenciosamente, ajude-me a dar a este aluno a melhor hora de sua vida, e o começo de tu-

do que você espera para ele<sup>21</sup>” (LAUBACH, 2012, p. 36) (tradução nossa). O autor ressalta que: “Você deve aprender a amar as pessoas, não pelo que elas são agora, mas pelo que você sabe que pode ajudá-las a se tornarem<sup>22</sup>” (LAUBACH, 2012, p. 36) (tradução nossa). Nesse sentido, entende-se que o autor se dispôs a ser instrumento de Deus na formação humana integral de seus alunos, capacitando-os para lerem as Escrituras Sagradas e para exercerem plenamente a cidadania.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Estratégias de ensino: 10).

ANTUNES, Samuel. **Semitas, a descendência de Sem – Sem e sua descendência**. Posted by Samuel Antunes in Bíblia, História, Povos Bíblicos. <https://samuelantunes.wordpress.com/2012/12/12/semitas-a-descendencia-de-sem/> Acesso em 21/01/2021 às 23.57.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução Diana Myrian Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LAUBACH, Franck Charles and LAUBACH, Robert, S. **Toward World Literacy**. Martino Publishing Mansfield Centre, CT. 2012.

ROSA, Joaquim de Paula. **Educador – A revista do educador cristão**. Ano XXVII – Nº

<sup>21</sup> “God I keep saying silently, help me to give this student the greatest hour of his life, and beginning of all Thou dost hope for him”.

<sup>22</sup> “You must learn to love people, not for what they are now, but for what you know you can help them to become”.

108, p. 27 – Método Paulo Freire, ou Método Laubach?

SEABRA, Alessandra Gotuzo; CAPOVILLA, Fernando César. **Problemas de leitura e escrita; como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica**. 6. ed. (revisada e ampliada). Memnon Edições Científicas Ltda. São Paulo, 2011. Edição do Kindle.

SILVA, Rodrigo. **A Bíblia de álef a ômega: um guia para entender como a Bíblia chegou até nós**. Rodrigo Silva. São Paulo: Ágape, 2020. Edição do Kindle.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**/Magda Soares. – 7. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, 192p.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, 384p.

VIEIRA, David Gueiros. **Método Paulo Freire, ou Método Laubach?** Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/artigos/metodo-paulo-freire-ou-metodo-laubach/> Acesso em: 19 de janeiro de 2020.

---

### Ione Amâncio de Araújo

Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná, Integrante do Grupo de Pesquisa: Práxis Educativa na Formação e no Ensino Bíblico. Pós-graduada Lato Sensu em Missiologia (DMin – Doctor of Ministry) pela Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA) de Londrina, PR. Bacharel em Teologia pelo Instituto Bíblico das Assembleias de Deus no Triângulo Mineiro (IBADETRIM) em Uberlândia, MG com validação de crédito pela Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA) de Londrina, PR. Pós-graduada Lato Sensu em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pelas Faculdades Integradas de Patrocínio e graduada em Letras – Licenciatura Plena em Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Idealizadora e coordenadora do projeto de Alfabetização e Letramento.

<sup>20</sup> ROSA, Joaquim de Paula. **Educador – A revista do educador cristão**. Ano XXVII – Nº 108, p. 27. 2019.